

ALVES (Marieta). — **Mestres ourives de ouro e prata na Bahia Colonial**. Publicação n.º 16 do Museu do Estado da Bahia. 1962. Imprensa Oficial da Bahia. 83 pp., 5 ilustrações.

O Museu do Estado da Bahia tem sua coleção enriquecida com a publicação de **Mestres ourives de ouro e prata na Bahia Colonial**, ensaio documentário e crítico elaborado pela pesquisadora Marieta Alves.

Uma nota introdutória esclarece tratar-se de uma seleção de artigos divulgados, semanalmente, pelo conceituado periódico de Salvador, **A Tarde**. Artigos revistos e ampliados, tanto pela transcrição de documentos, como por comentários os mais eruditos pela própria autora, cujos escrúpulos de historiadora autêntica, somente foram vencidos, graças ao pressionamento da entidade responsável pela publicação. Esse esclarecimento exclui a crítica que, por acaso, se poderia fazer, da inexistência de um plano central, frente à fragmentação dos temas ventilados. Mesmo assim, dentro de suas possibilidades, Marieta Alves procurou oferecer um roteiro àquêles que se aventurarem na floresta, ainda indevassável das atividades artesanais abordadas no passado colonial de nossa terra. E fez precisamente no I capítulo, ao abordar o malsinado **Alvará de 20 de outubro de 1621**, extensivo a tôda Colônia, cujas fabulosas riquezas ainda não haviam sido descobertas. Esse Alvará determina que:

“...nenhum mulato, negro ou índio, mesmo liberto podia exercer o cargo de ourives”.

Determinação seguida de Cartas e Ordens Régias também catalogadas pela pesquisadora baiana, sendo que lhe mereceu maior ênfase, as medidas drásticas e desumanas, que identificam o instrumento de **25 de janeiro de 1752**, sôbre o arruamento dos ourives que, ao justificar a sua transcrição, declarou lamentar não poder tratar da mesma maneira os outros documentos que haviam chegado às suas mãos.

Sente-se-lhe marcante inquietude, perplexidade mesmo, ao confrontar o malsinado Alvará acima citado, com a recente Exposição do Museu de Arte Sacra, inaugurado em agosto de 1959, no vetusto Convento de Santa Teresa. Museu, como se sabe, organizado e dirigido por Dom Clemente Maria da Silva-Nigra, monge benedito dos mais eruditos e autoridade das mais respeitadas em estatuária imaginária.

Nesse local pode-se admirar, lembra D. Marieta,

“...um reflexo do que a Bahia possui em alfaias de ouro e prata, tantas delas aqui executadas, a começar pelo sacrário e a urna de prata que se encontram na Igreja perpetuando os nomes dos Capitães Joaquim Alberto da Conceição Matos e João da Costa Campos; dificilmente compreende-se como um ofício tão malsinado pôde atravessar, triunfante, dois longos séculos de tenaz perseguição”.

Depois de focalizar, em pinceladas vigorosas, os arquivos artísticos das Irmandades do Santíssimo Sacramento, da Sé, da Concei-

ção da Praia, do Pilar, de São Pedro, da Ordem Terceira do Carmo, indaga:

“...se todo o vigor de leis iníquas, emanadas de um governo absoluto, não cessou o desenvolvimento da ourivesaria na Colônia, sem liberdade, sem direito à cultura, ao progresso, — onde teríamos chegado com liberdade, podendo empregar a riqueza das nossas minas até hoje inexgotáveis?”.

E pondera:

“Se havia prata para calçar cidades... e mãos hábeis no manêjo das forjas e do buril e, ainda sensibilidade e gôsto para engastar a pedraria abundante e colorida como a própria natureza de onde provinha!”.

Encerrando o I capítulo, apresenta, com a autoridade de seus 70 anos bem vividos, oportuna advertência a ser meditada por quem de direito:

“...Ontem, como hoje e sempre, o respeito às leis depende do equilíbrio dos legisladores que não se improvisam”.

Ainda um reparo. Com a humildade das pessoas realmente grandes, Marieta Alves, pesquisadora que nunca teve oportunidade de sair do Brasil, agradece mais de uma vez, a colaboração de amigas que lhe copiaram documentos em Portugal, pois como lembra muito bem, não se pode fazer história colonial sem se recorrer aos arquivos da mãe pátria. Tal insistência, tão rara em nossos dias — cuja tônica dominante é a ingratidão, a competição desleal e desairosa para muitos daqueles que operam no mesmo campo de trabalho — pode levar a supor que na Bahia não haja uma entidade promotora de intercâmbio de instrumentos de trabalho, como seja: o documento. Justifica-se que se abra um parêntesis, a fim de alertá-la e a outros interessados, a respeito de uma das mais eficientes secções da Reitoria da Universidade de São Paulo: o **Serviço de Documentação**, organizado e dirigido pelo Prof. O. G. Campliglia, que tem sua sede provisória na Avenida Vieira de Carvalho, 172 — 5.º andar, em São Paulo. Serviço vinculado à Federação Internacional de Documentação (FID), mantém ativo intercâmbio com cerca de 94 países e, mediante solicitação padronizada, está equipado para fornecer microfílm, cópias facsimilares e mesmo gravações, caso a documentação realmente exista, possa ser localizada e, conseqüentemente, abordada ainda. No arquivo do Serviço acima mencionado há séries preciosas de “slides” de monumentos históricos espalhados por todo o Brasil, microfílm cujo conteúdo vem sendo divulgado por excelente **Boletim** mantido pela própria secção e o que merece ênfase maior, pela amplitude e arrôjo na realização: tóda a **Exposição de História** comemorativa do IV Centenário da Cidade de São Paulo, com 263 documentos, alguns já copiados e ampliados, foram reproduzidos, microfilmados, reproduzidos nos documentos originais que, como não poderia deixar de ser, já retornaram aos arquivos ibéricos. Cumpre deixar bem claro que todos êsses instrumentos da mencionada Filmoteca, bem como instrumen-

tos outros, podem e estão sendo remetidos, mediante um sistema pré-estabelecido, a entidades culturais dentro e fora do País.

Retornando ao livro, cuja tentação é transcrevê-lo todo, justifica-se que se focalize um outro fato que reflete tanto uma invulgar qualidade de caráter, como a intuição de pesquisadora autêntica. À página 63, ao colocar o problema de identificação de uma âmbula de ouro de 1759, com a seguinte gravação:

“Donum Piae Matronae Joanae do Nascimento Deiesu Anno 1759”.

alinha algumas hipóteses de historiadores que abordaram o caso. Sem desmerecê-las ou criticá-las, informa, na página seguinte, que

“...o fio de Ariádne, no caso, foi um pedaço de papel, sem nenhuma importância aparente, mas contendo informações preciosas”.

E as transcreve *ipsis litteris*, para, tomando “o fio da meada”, identificar a Matrona D. Joana do Nascimento, que descobriu haver falecido a 1.º de março de 1789, como sendo mãe de Soror Josefa Clara de Jesus, autora do bilhete, pedra angular da interessante investigação. Nas notas focalizadas onde, além do problema histórico há interessantes observações sob o prisma artístico, especificamente os elementos do barroco ao lado dos símbolos da Paixão do Cristo, — não se consegue captar nenhuma insinuação sôbre quem teria encontrado o “fio de Ariadne”.

Sômente um número reduzido de pessoas tem ciência que o feliz término da pesquisa, acima focalizada, representa mais um serviço à historiografia prestado pela veneranda historiadora baiana. Além de colaborar em periódicos, em revistas especializadas, D. Marieta Alves é autora do livro: **História da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia** (Cidade do Salvador. Mesa Administrativa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco. 1948. 431 pp. ilustrado), cujo excepcional valor e unânime acatamento pela crítica a mais especializada consagrou, de maneira definitiva, sua atividade de historiador.

Esta realização representa apenas um episódio na vida de Marieta Alves. Os louros colhidos não a “aposentaram”, mas, pelo contrário, estimularam-na para uma outra aventura mais arrojada: a elaboração de uma biografia, em base documental, de Soror Joana Angélica, aquela mesma heroína que se sabe haver sido trucidada pelos soldados portugueses, à porta da clausura do Convento da Lapa, em 1822.

Dentro de um planejamento inicial, vem procurando ter em mãos a maior soma de documentos, abordados em fontes históricas dentro e fora de seu estado natal. Mesmo aqui em São Paulo esteve mais de uma vez. Todavia sua passagem não foi assinalada pela crônica social dos periódicos paulistanos. Mas os freqüentadores da secção histórica do Departamento do Arquivo do Estado e da Cúria Diocesana, do Convento da Luz e outros — logo tiveram oportunidade de identificar aquela senhora alta, delgada, de cabelos

prateados, olhar de frente e olhos bem azuis acentuados por óculos de lentes salientes, exigidos por uma afecção de catarata, operada recentemente, com êxito — uma autêntica vocação de pesquisadora.

Pois D. Marieta não se limitava a arrolar documentos referentes ao seu nôvo livro. Muito ao contrário. Trabalhadora infatigável não perdia tempo. Sentia-se que, pesquisadora das mais organizadas, estava sempre fichando assuntos outros, eventualmente relacionados com seus trabalhos de profissional. Além de escritora, historiadora, Marieta Alves é professôra emérita do Instituto Feminino da Bahia. Instituto cultural de assistência social *sui generis* no país, fundado e dirigido por esta outra invulgar educadora baiana que é D. Henriqueta Martins Catarino. Anualmente, em outubro, o Instituto promove uma exposição de marcante originalidade, visando trazer à tona, chamar a atenção, reverenciar elementos e peças os mais interessantes, como seja, entre outros, a “exposição do cristal”, a dos “paliteiros”, dos “biscuits”. Em 1959 o 36.º aniversário desse Instituto foi comemorado com uma “Exposição do Bronze”.

E os visitantes tiveram oportunidade de admirar peças de uma beleza imprevisível, tanto pelo lado artístico como também pelo contraste marcante, pois estavam colocadas lado a lado. Trabalhadas, confeccionadas, buriladas graças à maleabilidade, rigidez e sonoridade que individualiza o bronze.

Um outro motivo de perplexidade foi o opúsculo que, à maneira dos anos anteriores, a professôra Marieta Alves elabora e a Instituição oferece aos amigos e visitantes. Opúsculo em que, com invulgar capacidade de síntese, a autora evocou a história do aproveitamento do bronze pelo homem, remontando mesmo às primeiras citações da Bíblia. Até mesmo uma tônica filosófica ao parodiar a vibratibilidade do bronze com a própria vida humana.

Cumprê acentuar que êsse valioso trabalho revela, mais uma vez, sua constante preocupação com o artesanato. Seja alicerçada em passagem da Sagrada Escritura, onde aparece o nome de Hirão, natural de Tiro,

“...que trabalhava em bronze e era cheio de sabedoria, de inteligência e de ciências para fazer todo o gênero de obras de bronze”.

E continua destacando que:

“Salomão lhe confiou a execução das famosas colunas do pórtico do Templo, e os caldeirões e as panelas e as taças para o serviço da Casa do Senhor, tudo de bronze fino, fundido nos campos do Jordão”.

Tanto esta citação como o livro que está sendo comentado: **Mestres ourives de ouro e prata na Bahia Colonial**, faz pensar e repensar. Mais ainda. Faculta uma associação ao tema central do III Simpósio dos Professôres de História do Ensino Superior, que se realizará em Fortaleza, no mês de julho vindouro, com um tema geral sôbre: “Trabalhos artesanais, manufaturas e indústria”.

Ora, parece ponto pacífico admitir-se que o muito publicado por Marieta Alves, nesta linha preconizada pela comissão executiva da APUH, representa uma parcela mínima do que armazenou nes-

ses longos anos de busca sistemática nas fontes primárias recolhida aos arquivos. Assim sendo, Marieta Alves tem em mãos um tesouro de valor inexcedível e talvez, inatingível, inalcançável por aqueles que se disponham a abrir picadas na mesma direção. Basta querer manipulá-lo, vivificá-lo e estará na linha de frente, das comunicações preconizadas pelo III Simpósio. Não somente a erudita pesquisadora mas também todo o Núcleo Regional da Bahia ao qual, certamente, estaria vinculada.

E esta eventual prioridade baiana longe de constituir motivo de inveja, servirá e muito, de estímulo aos demais Núcleos Regionais, desejosos e capazes de produzir trabalhos tão oportunos e interessantes como: **Mestres Ourives de Ouro e Prata na Bahia Colonial**, de Marieta Alves.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES